

CONIMBRIGA

Revista de Arqueologia | Publicação anual

Todos os artigos são submetidos à avaliação por pares (*peer review*)

DIRETORA

RAQUEL VILAÇA

SECRETÁRIO

JOSÉ LUÍS MADEIRA

CONSELHO DE REDAÇÃO

DOMINGOS DE JESUS DA CRUZ

HELENA MARIA GOMES CATARINO

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

MARIA CONCEIÇÃO LOPES

PEDRO C. CARVALHO

VASCO GIL MANTAS

CONSELHO CIENTÍFICO

ALAIN TRANOY (Université de Poitiers)

ANA MARGARIDA ARRUDA (Universidade de Lisboa)

GERMÁN DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)

JAVIER SÁNCHEZ-PALENCIA (Centro de Ciencias Humanas y Sociales, CSIC - Madrid)

JORGE DE ALARCÃO (Universidade de Coimbra)

LUÍS RAPOSO (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)

MANUEL MARTÍN-BUENO (Universidad de Zaragoza)

MARTÍN ALMAGRO-GORBEA (Universidad Complutense de Madrid)

MÁRIO BARROCA (Universidade do Porto)

PRIMITIVA BUENO RAMÍREZ (Universidad de Alcalá de Henares)

TANIA ANDRADE LIMA (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

TRINIDAD NOGALES BASARRATE (Museo Nacional de Arte Romano)

DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM

JOSÉ LUÍS MADEIRA

SECRETARIADO ADMINISTRATIVO

EUNICE DIONÍSIO

IMPRESSÃO: Gráficasmares, Lda.

ISSN: 0084-9189

DEPÓSITO LEGAL: 93223/95

ANO 2014

Toda a correspondência (envio de originais e de publicações para recensão, pedidos de permuta, etc.) deve ser dirigida a:

DIRETORA da CONIMBRIGA | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA | PALÁCIO DE SUB-RIPAS

Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

conimbriga.revista@uc.pt

*Solicitamos permuta. On prie de bien vouloir établir l'échange.
Sollecitiamo scambio. We would like exchange. Tauschverkerhr erwünscht.*

RECENSÃO BIBLIOGRÁFICA

PEREIRA, Isabel; PESSOA, Miguel; SILVA, Teófilo, *As Moedas. Villa Romana do Rabaçal (Penela – Portugal). 25 Anos de Trabalhos Arqueológicos (1984-2010)*, Câmara Municipal de Penela, 2012. 176 páginas. ISBN: 978-989-95800-8-4.

Coube à disciplina de Numismática, durante muitos anos, lugar secundário no currículo do curso de História das universidades. Tinha, quando muito, carácter semestral e nela apenas se ensinava a classificar moedas de todas as épocas.

Creio não andar longe da verdade se apontar como motor de renovação nesses estudos, entre nós, o Dr. Mário de Castro Hipólito, que, mercê do seu relacionamento privilegiado com a Fundação Calouste Gulbenkian, logrou criar na Faculdade de Letras de Coimbra um bem apetrechado Gabinete de Numismática. A sua dissertação de licenciatura acabaria por ser publicada no essencial («Dos tesouros de moedas romanas em Portugal», *Conimbriga* II-III 1960-1961, p. 1-166) e, com a renovação dos currículos possibilitada pela Revolução de Abril, a disciplina passou a ter, em Coimbra, carácter anual, a partir do ano lectivo de 1975-1976, na Pré-Especialização em Arqueologia.

Mário Hipólito, que chegara a preconizar a criação de um centro universitário de estudos numismáticos (*Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1971, p. 559-570), continuaria a desempenhar importante papel na divulgação desta ciência, mormente porque são da sua responsabilidade catálogos da importante colecção numismática da Gulbenkian.¹ Entretanto, a norte, coube a Rui Centeno pegar nessa bandeira, leccionar a disciplina e preparar tese de doutoramento nesse domínio (*Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 172*, Sociedade Portuguesa de Numismática, Porto, 1987), enquanto dava apoio também a outros investigadores, de que destacamos Milagros Sienes Hernando (*As Imitações de Moedas de Bronze do Século IV d. C. na Península Ibérica: o Caso do Ae2 Reparatio Reipub*, Lisboa, 2000) e José Ruivo, cuja dissertação de doutoramento, *Circulação Monetária na Lusitânia do Século III (215-305 d. C.)*, defendida na Faculdade de Letras do Porto, a 26-06-2009, está disponível em <http://hdl.handle.net/10216/14313>.

¹ Destaco, a título de exemplo: *A Catalogue of the Calouste Gulbenkian collection of Greek Coins*, Lisboa, 1972, de colab. com E. S. G. Robinson; *A Catalogue of the Calouste Gulbenkian Collection of Greek Coins*, Lisboa, 1989, de colab. com G. K. Jenkins; *Moedas Gregas Antigas. Ouro*, Lisboa, Museu Calouste Gulbenkian, 1996.

Paralelamente ao mundo universitário mas com ele intimamente ligada está a actividade de Isabel Pereira, a quem – com Jean-Pierre Bost e Jean Hiernard – ficamos a dever *Fouilles de Conimbriga, III – Les Monnaies* (Paris, Bocard, 1974), que granjeou, inclusive, um prémio internacional. Apesar de, desde cedo, ter enveredado pela carreira da Museologia – foi a primeira directora do novo Museu Santos Rocha, da Figueira da Foz, e dirigiu também o Museu Santa Joana Princesa, de Aveiro – a Dra. Isabel Pereira continuou, na medida das suas possibilidades, a investigação neste domínio, acompanhada por seu marido, Teófilo Silva, sendo da responsabilidade de ambos o catálogo das moedas do Museu de Santiago do Cacém (*Moedas Romanas do Museu Municipal de Santiago do Cacém*, Câmara Municipal de Santiago do Cacém, 2007) e, agora, o espólio recolhido no Centro Interpretativo da *villa* romana do Rabaçal, estando também em fase de conclusão o estudo das moedas romanas de *Ossonoba* (*O Museu Municipal de Faro e a Sua Colecção de Moedas Romanas: Subsídios para a Circulação Monetária no Algarve*).

Antes de traçarmos uma panorâmica do conteúdo da obra e ajuizarmos do seu interesse, permita-se-nos uma breve reflexão inicial: é que, hoje, há a deveras importante investigação tendente à correcta identificação e descrição das moedas em todos os seus pormenores; só assim, com base nesses correctos dados técnicos, se parte para uma integração do numisma no seu contexto, aspecto esse fundamental, porque não é apenas o valor facial que interessa: há todo um conjunto de elementos que importa realçar, nomeadamente a iconografia patente, porque foi devidamente pensada com um objectivo propagandístico evidente.²

De mui excelente apresentação gráfica, o volume em apreço, que beneficiou do apoio do Programa Promuseus, é fruto da mais ampla colaboração – deve realçar-se – entre um conjunto deveras significativo de entidades³ que privilegiam a valorização da *villa* do Rabaçal dentro de um projecto colectivo e multifacetado de empenhamento cultural, onde a Arqueologia e ciências afins têm lugar mas há também uma atenção ao Ambiente, à Gastronomia, em suma, ao inteligente aproveitamento integrado dos recursos.

Começa por nos merecer atenção a Introdução, assinada pelos autores, que apresenta brevíssima síntese dos resultados obtidos em 25 anos de intervenção arqueológicas no sítio: foram postos a descoberto «a área residencial (*pars urbana*), o balneário (*balneum*), a casa agrícola e anexos de produção (*pars rustica e frumentaria*, bem como a zona de captação de água». Especificam-se depois, com mais pormenor, as estruturas identificadas e tecem-se,

² Vide «Propaganda na palma da mão...», prefácio à obra atrás citada (p. 13-16), que transcrevi em *Paisagens da Antiguidade*, Apenas Livros, Lisboa, 2009, p. 38-44.

³ São 25 e constam da pág. 2, onde também se esclarece que esta acção museológica se incorpora «no âmbito da valorização do Eixo da Romanização: Conimbriga, Alcabideque, Rabaçal, Santiago da Guarda e Tomar».

desde logo, comentários acerca dos resultados obtidos com o estudo feito dos 377 exemplares aqui incluídos.

Assim – e cá está o aspecto saliente da Numismática como notável fonte histórica – pôde concluir-se que a maior parte dos numismas data dos séculos IV e V, o que sugere «corresponder a momentos de implantação e vigência da *villa* tardo-romana», enquanto que «o reduzido número de moedas datadas dos séculos I, II e III, recolhidas, na sua maioria, na *pars rustica* deverão estar relacionadas com uma instalação do tipo granja ou casal agrícola que a antecedeu» (p. 6). Há também moedas portuguesas, nomeadamente dos séculos XV e XVI, que os autores relacionam com a instalação «do espaço de culto cemiterial». Esporádicas perdas ocorridas durante trabalhos de lavoura ou actividade pastoril justificarão, por seu turno, o achamento de escassos exemplares, um do reinado de D. João V e dois mais recentes (de 1929 e 1940).

O catálogo está organizado, como é habitual, por ordem cronológica: dinastia júlio-cláudia, imperadores adoptivos (século II), imperadores militares (século III), restabelecimento do Império e regime tetrárquico, dinastia constantiniana, dinastia valentiniana-teodosiana, divisão do Império, havendo – embora datáveis – exemplares ilegíveis. De cada numisma são apresentados todos os elementos descritivos, com referência expressa ao local de achamento aquando da escavação realizada. Fotos, a cores, do anverso e reverso, em tamanho natural.

As páginas 137-154 dão conta das conclusões a que foi possível chegar acerca da circulação monetária romana; e o quadro IX (p. 155) possibilita brevíssimo comentário sobre as moedas portuguesas encontradas. Bibliografia (p. 157-160) e três anexos (tratamento das moedas, análises metalográficas e o registo fotográfico dos participantes nas campanhas arqueológicas) completam o volume, que termina com plantas e fotografias aéreas do sítio.

A residência senhorial terá, pois, sido construída na época do imperador Constantino, ou seja, na 1ª metade do século IV da nossa era, num local onde, no entanto, já se verificaria forte actividade agrícola, apoiada, quiçá, em «construções rurais de madeira que deixaram poucos vestígios» (p. 140).

Como é sabido, num sítio arqueológico, as moedas encontram-se esparsas, resultantes de perdas ocasionais, ou nos chamados «tesouros», conjuntos expressamente constituídos para amearhar. Na *villa* do Rabaçal, identificaram-se, para já, dois tesouros, estando ainda por escavar a totalidade do segundo, o B, que, por isso, não está incluído na obra. O tesouro A consta de treze moedas e terá sido escondido numa canalização nos primórdios do século V (p. 144).

O número de moedas encontradas até ao momento vem confirmar os ciclos económicos (de auge e depressão) já nossos conhecidos: uma certa tendência para práticas de permuta directa, por exemplo, no decorrer do século IV, concomitante com o retorno à actividade agrária. Um aspecto, porém, merece especial relevo, dedutível da leitura do mapa da fig. 3 (p. 154): é que, das 358 moedas romanas, 222 das quais provenientes de centros emissores indeterminados, 66 têm a cidade de Roma como centro emissor! É, seguramente,

um dado importante para se compreender o estreito relacionamento que se documenta entre esta zona da Lusitânia e a capital do Império e ao qual já tive ocasião de me referir, a propósito do invulgar monumento funerário achado no vizinho concelho de Soure (vide: <http://hdl.handle.net/10316/21674>). *Conimbriga*, apesar da sua localização periférica – ou talvez até por isso! – acabou por congrega em torno de si um escol de proprietários ricos que, num sábio retorno à actividade agrícola, souberam dar a volta por cima (diríamos hoje), quando a economia mercantil do Mediterrâneo registava acentuada quebra e os antigos aglomerados urbanos deixaram de desempenhar o papel agregador e consumista de outrora. É o retorno à terra e essa espécie de renascimento das antigas tradições de que fala Jean Gag  (*Les Classes Sociales dans l'Empire Romain*, Paris,² 1971, p. 250 e 262).

Estamos, pois, perante um livro aparentemente modesto, que se alicerça, porém, na funda experiência dos seus autores e possibilita, como se v , a partir dele, análises globais esclarecedoras.

José d'Encarna o